

GT 6. Revoluções na América Latina e dilemas do socialismo

A formação da contrarrevolução cubana em 1959

Ana Paula Cecon Calegari¹

Resumo. Em 1º de janeiro de 1959 Cuba exalava um ar de libertação que obscurecia os desafios imediatos relativos ao vazio político deixado com a fuga do ditador Fulgencio Batista. A caravana histórica que adentrou Havana agregava não apenas o entusiasmo e a satisfação do povo com a queda do regime, mas também as esperanças num futuro governo. O desafio que coube ao núcleo político dirigente não foi pequeno e em alguns momentos a Revolução esteve próxima ao colapso. Tal fato se deveu a ações cujo objetivo era desestabilizar o país a fim de derrubar o governo rebelde. Tanto no contexto interno quanto externo, as manifestações de oposição ao processo que estava sendo empreendido na ilha foram notórias, em alguns casos muito violentas. Partindo das considerações sobre as manifestações acima destacadas, objetiva-se narrar a formação da chamada “contrarrevolução” cubana no ano de 1959. Busca-se mostrar os motivos pelos quais alguns atores ou grupos se puseram contra um movimento que angariou enorme apoio no momento de seu advento.

Palavras-chave: contrarrevolução; Cuba; manifestações.

Introdução

O conflito bipolar inaugurado após a Segunda Guerra Mundial parecia polarizar as regiões do globo de acordo com o alcance geográfico das potências beligerantes e o subcontinente americano parecia estar seguro dentro a lógica capitalista ocidental.

Os Estados Unidos, contudo, não desconsideravam os acontecimentos na América Latina, principalmente os relacionados ao desenvolvimento das lutas nacionalistas ou governos com pretensões a reformas sociais. Neste contexto, surgiu o maior desafio à

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro

hegemonia norte-americana no século passado: a Revolução Cubana, um “problema” até hoje sem solução.

A Revolução, enquanto um projeto de mudanças sociais, provocou a alteração estrutural da sociedade cubana na década de 1960. Na medida em que levou a cabo seu programa de governo, preconizado desde meados da década de 50, angariou oposições cuja natureza ultrapassou o campo político.

Objetiva-se com essa explanação averiguar as condições que possibilitaram a formação da contrarrevolução cubana, considerando as peculiaridades dos grupos que aturam nessa empreitada e os motivos que os levaram a reagir dessa forma ao processo revolucionário. De antemão, pode-se afirmar que a heterogeneidade dos movimentos “inimigos”, assim como as diferentes táticas no combate ao governo instalado, são fatores sem os quais não se pode abordar a história da ilha, na medida em que guiaram, fundamentalmente, as políticas e medidas tomadas pelas autoridades cubanas nos últimos 50 anos.

A narrativa histórica começa em 1º de janeiro de 1959, marco da derrubada do regime de Fulgencio Batista y Zaldívar em Cuba e a vitória do movimento guerrilheiro 26 de julho, que tinha Fidel Castro como seu líder.

Na biografia política de Castro escrita por Herbet L. Matthews e lançada em 1969, o autor aponta que no período pré-revolucionário, “Cuba se encontrava num estado abafado de fermentação e de hostilidade geral ao regime de Batista”.

O cenário político da ilha entre os anos de 1952 a 1958 foi marcado pelo rompimento do sistema democrático e pelo início da ditadura. O clima político tornou-se mais tenso, ou como Matthews coloca “abafado de fermentação”.

A partir 1952, inúmeros movimentos surgiram com o objetivo de derrubar o governo instalado.² Em 26 de julho de 1953, um grupo armado atacou o quartel militar de Moncada, na província de Santiago de Cuba, na parte oriental da ilha. O objetivo do ataque era conseguir as armas do quartel e incitar a população a se rebelar.

² El hecho revolucionario cubano radicó precisamente en la aparición de nuevas fuerzas preponderantes dentro del conjunto opositor, que representaban un proyecto político, el cual, si bien resultaba programáticamente moderado, planteaba objetivos contrarios a la esencia del modelo neocolonial. (Arboleya, 2000, p. 32).

O insucesso desse movimento levou a prisão os principais líderes do plano, dentre os quais, Fidel e Raúl Castro. Inúmeros outros participantes foram torturados e assassinados, num momento em que ditadura de Batista começou a recrudescer.

Após a lei de anistia e o exílio no México, o grupo liderado por Fidel retornou a Cuba no final de 1956, naquele momento já com o nome de Movimento 26 de julho. Instalaram-se, inicialmente, na região oriental do país, mais especificamente na *Sierra Maestra* e dali iniciaram um luta contra o exército de Fulgencio Batista que durou dois anos e que levou a derrocada e fuga daquele ditador em 1º de janeiro de 1959. Em 8 de janeiro de 1959, a “caravana da liberdade” entrou em Havana com a promessa de transformação radical daquela sociedade.

Como resultado da desestruturação político-administrativa advinda da troca de mandos, inúmeros cidadãos cubanos deixaram a ilha e partiram, principalmente, em direção aos Estados Unidos. Posteriormente, esses exilados formaram os principais grupos de oposição fora de Cuba. Deve-se dizer também que o ato de migrar pode ser considerado como uma das primeiras manifestações de descontentamento quanto à revolução, uma vez que foi um fenômeno simultâneo a própria vitória rebelde.

El fenómeno contrarrevolucionario tiene en la emigración dos componentes: uno más abarcador – evidentemente mayoritario –, reflejo de la reacción múltiple y compleja de los sectores de la población cubana que deciden emigrar insatisfechos con el proceso revolucionario y que refuerzan esta posición en correspondencia con las exigencias y los beneficios que impone la política norteamericana hacia Cuba. Y otro, representativo de un movimiento político militante, minoritario, estrechamente vinculado con el Gobierno de Estados Unidos, que ha llegado a constituirse en una estructura subversiva profesional de cuyo mantenimiento dependen el bienestar personal y el *status* político de los involucrados. (Arboleya, 2000, p.4)

Este último componente foi caracterizado pela atuação de figuras conhecidas internacionalmente, alguns deles por sua relação com o governo de Batista, outros por suas relações com a máfia e o crime organizado norte-americano, outros por seus estreitos contatos com o governo “ianque” e com os órgãos de segurança e inteligência, em especial, a Central de Inteligência Americana (CIA). O que fato é que o processo migratório, o exílio e a

dissidência foram reflexos da insatisfação quanto a direção dos acontecimentos internos. Porém, o desenvolvimento da contrarrevolução a partir desses atores só foi possível devido ao apoio logístico dos EUA.

Assim, a contrarrevolução evoluiu tanto a partir dos condicionamentos impostos pela política doméstica como em função das relações entre Estados Unidos e Cuba (Arboleya, 2000, p. 4).

Para o trabalho, entendeu-se oposição como um fenômeno político não disciplinado normativamente por um texto constitucional. No cenário cubano da época, a situação foi descrita por Fabián Escalante Font (2010, p. 50):

La contrarrevolución se estructuró en un acto de metamorfosis. Antiguos partidos políticos y organizaciones religiosas y laicas devinieron activos grupos contrarrevolucionarios, alimentados por el potencial que constituían esas fuerzas. De sus filas salieron los nuevos dirigentes y se fueron confirmando organizaciones [...]

Oposição aberta

Em um discurso de 15 de janeiro de 1959, pronunciado no Clube Rotario de Havana, Fidel Castro disse,

[...] yo digo que siempre se necesita un enemigo, para estar en guardia, para mantener a los hombres en estado de alerta, de entusiasmo. Si nos quedamos sin enemigos estamos fracasados, porque empieza todo el mundo a olvidarse, a descuidarse, a relajarse la disciplina, el ideal. Necesitamos que siempre haya un peligro delante para sentir el estímulo del peligro. Así que en vez de hacernos un mal conspirando, nos están haciendo un bien. (p. 104).

Certamente quando Fidel pronunciou essas palavras não previu os problemas que iria enfrentar na medida em que os inimigos se articulassem. Observa-se que ter uma oposição era necessário pelo estímulo que ela impunha, pelo desafio de vencê-la, pelo reconhecimento de estar em um lado da batalha e defender ideais próprios capazes de serem aprofundados mediante situações de alteridade.

A contrarrevolução interna pode ser entendida a partir de uma primeira fase caracterizada por elementos vinculados à ditadura de Batista. Resulta do dismantelamento da estrutura de governo pré-revolucionária que incluiu não apenas cargos de mando, como também parte dos setores administrativos e burocráticos.

Uma segunda fase compreende a oposição surgida a partir do descontentamento com as medidas revolucionárias. Correspondeu ao período de formação dos grupos contrarrevolucionários, mas ainda sem uma organização mais complexa ou plano de ação, evento ocorrido somente após 1959. Esteve pautada principalmente por interesses das classes prejudicadas economicamente com as leis do novo governo.

Também em 1959, alguns grupos excluídos do governo revolucionário passaram a oposição, assim como ocorreu também com alguns dissidentes que abandonaram as filas do governo. No primeiro ano da revolução não havia movimento organizado em Cuba, apenas alguns intentos de enfrentamento armado, os quais não tiveram sucesso.

A partir de 1960 inicia-se uma nova etapa na história da contrarrevolução, na qual não é mais possível entendê-la apenas pelo contexto interno. Neste ano, tudo o que foi considerado como oposição ao governo, tanto pela historiografia, como nos discursos de Fidel Castro, esteve ligado, necessariamente, aos Estados Unidos, seja estabelecendo acordos diretamente com os contrarrevolucionários, seja utilizando o território daquele país para orquestrar atividades terroristas.

Escalant Font (2008, p.9) aponta que, naquele momento, as diretrizes do programa subversivo desenvolvido pelos EUA a serem seguidas para dismantelar a Revolução Cubana, se apoiavam em quatro pontos: criar uma oposição política responsável no estrangeiro; organizar uma guerra psicológica; formar quadros paramilitares; e organizar uma estrutura clandestina e de resistência dentro de Cuba. A efetivação dessas diretrizes de fez claro no transcurso dos anos seguintes.

A partir de então, a ideia de oposição interna e externa se relacionam apenas ao meio geográfico de onde parte o ato contrarrevolucionário, pois a orquestração dos movimentos foi feita tanto dentro como fora de Cuba, em todos aqueles estudados até agora pela historiografia.

Do ano 1959, além do inevitável embate estabelecido com os EUA, observa-se o papel das bandas, as quais começaram a atuar logo após o triunfo da revolução. Os bandidos, como são tratados pela historiografia cubana, foram grupos alçados em regiões montanhosas, principalmente, que adotaram a tática de guerrilha como uma forma de lutar contra a revolução.

A composição das bandas foi muito variada, associando desde elementos ligados ao regime de Batista até pequenos camponeses. Apesar de sua atividade haver começado em 1959, somente em 1960 se encontraram organizadas. Destaca-se, naquele contexto, a atuação da II Frente Nacional de Escambray, que se converte na principal zona guerrilheira, apesar de os movimentos que adotaram essa tática se fazerem presentes em todas as províncias.

O padrão militar adotado por esses grupos era muito próximo ao do Exército Rebelde nos tempos da *Sierra Maestra*. Esse fator foi essencial no enfrentamento entre os grupos, na medida em que, taticamente, o governo revolucionário pôde atuar com mais precisão no momento da luta. Porém, devido ao fato de estarem dispersas em todo território, a "Lucha contra los bandidos", só acabou no ano 1965, quando os revolucionários conseguiram dismantelar todos os grupos.

De acordo com Arboleya (2000, p. 120) a base de apoio das bandas era o setor da média burguesia agrária. Na medida em que elementos da própria região em que se desenvolvia a banda, se incorporavam a ela, os familiares daqueles também atuavam o que aumenta substancialmente o número de combatentes.

A partir do final de 1959, iniciaram-se as ações encobertas, entendidas como atividades clandestinas encaminhadas a promover os objetivos de política exterior da nação patrocinada, de maneira tal que essa nação possa negar suas responsabilidades de forma plausível. (Font, 2010, p. 52).

Nesse primeiro ano, ao menos três grupos armados se organizaram para tentar derrubar o regime. O mais famoso deles, o *Rosa Blanca*, contou com o apoio do ditador dominicano Leonidas Trujillo para a orquestração da primeira invasão armada a ilha. Juntamente com a Legión Anticomunista del Caribe, intentaram desembarcar na ilha em agosto de 1959, porém a operação foi frustrada.

Importa notar que esse acontecimento foi o prelúdio do que estaria por vir. Em todos os 54 anos da revolução, grupos armados atuaram para desmantelá-la, claro que atualmente com uma atividade menos clara.

Oposição fechada

A organização, atuação e alianças dos movimentos que atuaram contra a ditadura de Batista é essencial para compreender como se estabeleceram os mesmos grupos após a queda daquele regime.

A coalizão de 1958 que unia as forças na luta contra Batista foi formada pelo Movimento 26 de Julho, pelo Diretório Revolucionário e pelo Partido Socialista Popular. Uma vez no poder, era necessário que ambos tivessem representação. Notou-se que com o aprofundamento da revolução, a rotatividade para alguns cargos resultou em um corpo administrativo que estava cada vez mais alinhado com os objetivos do núcleo dirigente.

Alguns partidos, mesmo mantendo uma postura imparcial ou se mostrando favorável à revolução, não tiveram lugar na articulação política daqueles primeiros anos da revolução. Posteriormente, com a formação do PCC, em 1965, esses grupos ou foram absorvidos e diluídos naquele cenário, ou perderam sua unidade e seus programas partidários, ou passaram a oposição.

O partido político dos autênticos, por exemplo, foi rechaçado do governo revolucionário, fato que implicou o apoio a alguns grupos contrarrevolucionários, assim como serviram de base para a formação de algumas organizações. Importa notar que, inicialmente, os autênticos apoiaram o governo revolucionário, principalmente na figura do ex presidente Carlos Prío Socarrás. Apesar disso, enquanto um partido, eram repelidos tanto pela direita como pela esquerda, fato advindo da passagem de Socarrás no governo, que ficou marcada por constantes denúncias de corrupção.

A importância dos autênticos na fase revolucionária esteve relacionada a um de seus principais líderes e a influência que ele teve tanto no governo dos Estados Unidos como nos movimentos contrarrevolucionários pós-59. Manuel Antonio Tony Varona esteve envolvido em grande parte dos planos desenvolvidos pela CIA para acabar com a Revolução Cubana. Tony Varona, como ficou conhecido, foi primeiro ministro no governo de Prío. Rompeu

publicamente com a Revolução nos primeiros meses de 1959 e em maio de 1960 criou o *Rescate Revolucionario Democrático*, grupo contrarrevolucionário formado pela ala mais conservadora dos autênticos.

Também a maioria dos conservadores da ortodoxia (*Partido del Pueblo Cubano*) se afastaram da Revolução naqueles primeiros anos. Nesse cenário, cabe destacar os rompimentos dentro do próprio Movimento 26 de Julho. O apelo conciliatório inicial pode ser traduzido pelo *Movimiento de Resistencia Cívica (MRC)*, apontado por Arboleya (2000, p. 36) como, “un grupo civilista, semiautónomo, estimulado por el Movimiento 26 de Julio, con el objetivo de movilizar el apoyo de la burguesía liberal, la clase media y los sectores intelectuales”. O MRC foi anexado ao M-26 e representou a ala mais “moderada” do movimento. Tempos depois, se desligaram oficialmente com a revolução.

Nos primeiros meses após a vitória do M-26-7, também a questão ideológica serviu como centro das discussões políticas.

O problema do comunismo foi o âmago do embate.³ Na perspectiva de Arboleya (2009, p. 33) “algunos lo utilizaron como excusa para justificar una actitud contrarrevolucionaria que tenia sus bases reales en la perdida de beneficios y privilegios”.

Nas fileiras do Exército Rebelde, duas importantes deserções usaram como justificativa a presença dos comunistas no governo. A primeira delas foi a do ex chefe da Força Aérea Revolucionária, Pedro Luis Díaz Lanz. Este havia atuado transportando guerrilheiros orientais desde Miami na época insurrecional.

Com o mesmo argumento de Díaz Lanz, também o comandante Húber Matos desertou em outubro de 1959. Matos fez parte da fase insurrecional. Em 1959, apesar dos sérios conflitos que teve com Castro, foi nomeado chefe militar da província de Camagüey.

Arboleya (2000, p. 64) diz que o fracasso de Matos foi a última das tentativas de encaminhadas a transformar o poder desde dentro do governo revolucionário. Isso significou o fim da dicotomia reforma-revolução, e o aprofundamento da revolução versus a contrarrevolução.

³ Naquela época, a visão do comunismo estava relacionada com o repúdio a Deus, a perseguição aos crentes e o rechaço aos valores da civilização cristã.

Escalant Font (2010, p. 49) aponta que,

La detención de Hubert Matos liquidó el intento de obligar a la revolución a cambiar de rumbo mediante el empleo de fuerzas no batistianas. Con ello, la contrarrevolución comenzó a desplazarse hacia el exterior y su conducción fue quedando en las manos indisputadas a los halcones de la CIA, que ya desde diciembre de 1959 consideraban que el objetivo central era construir una oposición al régimen cubano.

A detenção de Matos demonstrou que o governo não iria aceitar as dissidências internas. Durante aquele ano ainda, viu-se a crise executiva com saída de José Miró Cardona do posto de Primeiro Ministro, em fevereiro, sendo substituído por Fidel Castro; e a saída, em Julho, de Manuel Urrutia Lléo da presidência.

Após a prisão de Matos, quatro ministros foram demitidos: o comandante Faustino Pérez (Ministro de Recuperação dos Bens Malversados), Manuel Ray (Ministro de Obras Públicas), Enrique Oltuski (Ministro das Comunicações), Manuel Fernández (Ministro do Trabalho). Sem contar a demissão de Felipe Pazos da presidência do Banco Nacional.

Soma-se a esses fatos, a imprecisão inicial quanto ao processo que estava sendo construído, quanto às expectativas em relação às medidas que compunham o programa pré-revolucionário, e a forma como as demais nações encarariam a Revolução Cubana.

Ao considerar os apontamentos de Hilb referentes ao processo de concentração de poder, notou-se que a autora não concorda com o argumento de que essa dinâmica foi pautada na necessidade de igualação da sociedade em condições adversas. Hilb acredita que “privilegiar os setores mais desfavorecidos da sociedade foi a via pela qual o núcleo dirigente construiu uma base de apoio para sua política de poder”. (2010, p. 18).

De fato, a historiografia aponta que o amplo apoio popular foi a base de legitimação do governo revolucionário. Com a ampliação do poder central e com o afunilamento do discurso político oficial em relação, principalmente, a organização democrática da sociedade, muitos grupos e pessoas que, inicialmente, contribuíram na luta contra Batista ou então que eram simpatizantes e apoiadoras da revolução no poder, foram paulatinamente afastadas do cenário político da época.

O movimento estudantil é um exemplo disso. Com a fuga de Batista em 1º de Janeiro de 1959, o Diretório Revolucionário, liderado por Faure Chomón, havia tomado o palácio presidencial e outros postos, assim como havia se apropriado de uma quantidade considerável de armas. Hilb (2010, p. 28) destacou que Fidel fez uma intervenção discursiva a fim condenar a atitude do diretório. De fato, nos discursos pronunciados há alusão ao evento.

[...] hace dos días elementos de determinada organización fueron a un cuartel, que era el cuartel San Antonio, cuartel que estaba bajo la jurisdicción del comandante Camilo Cienfuegos y bajo la jurisdicción mía, como Comandante en Jefe de todas las fuerzas, y las armas que estaban recogidas allí se las llevaron. (Fidel Castro, 8 de janeiro de 1959)

O resultado foi a entrega das armas aos rebeldes e também a saída do palácio presidencial. Cabe destacar que por esses dias, estava sendo distribuídos os postos de ministros, nenhum deles coube a um membro do Diretório.

Os irmãos Castros interferiram posteriormente também na eleição para a Federação dos Estudantes Universitários, que ocorreu em outubro e teve como candidato vitorioso Rolando Cubelas,⁴ que contava com o apoio dos Castros.

Hilb (2010, p. 29) destacou que essa nova direção da FEU, foi responsável por uma “purificação revolucionária”, que implicou na saída de professores da Universidade e a perda de autonomia da instituição. Pergunta-se qual a profundidade dessa “purificação”. Sem dúvida, isso não significou o controle total do governo na Universidade, uma que vez foi de lá que saíram importantes grupos contrarrevolucionários que agiram nos anos seguintes.

Outro grupo que representava uma organização de massas e que teve problemas com o governo revolucionário, foi o movimento sindical. O núcleo dirigente revolucionário levantou a proposta de candidatura única para a Confederação dos Trabalhadores Cubanos (CTC), o que fez que com esse setor também entrasse em oposição ao regime.

A preocupação expressada por Fidel, em seus discursos, em relação a economia e a importância do voluntarismo, fez com que, na visão de Hilb, a CTC se transformasse em “um

⁴ Posteriormente, Rolando Cubelas passou a oposição e foi preso em 1966, acusado de planejar um atentado contra a vida de Castro. (Hilb, 2010, p. 30).

organismo cuja finalidade foi contribuir para o cumprimento das metas e objetivos determinados pelo poder político.”

Dentro da explanação sobre essa questão, cabe destacar o surgimento do Movimento 30 de setembro, que tem sua origem nos setores sindicais do M-26 e foram impulsionados por “preconceitos” anticomunistas.⁵ Entram em conflito com a revolução quando se planeja a integração do movimento trabalhista em 1959. Mantiveram contato com a CIA. Ao lado do MRP (*Movimiento Revolucionario del Pueblo*) competia pela captação dos setores dissidentes dentro das filas revolucionárias, assim como pelos setores menos conservadores do governo estadunidense.

La incomprensión de la importancia estratégica de la unidad, agravada por prejuicios anticomunistas y luchas intestinas por el poder, condujo a que un sector del movimiento obrero, encabezado por católicos y algunos dirigentes obreros antibatistianos, rompiera con la Revolución poco tiempo después. (Arboleya, 2009, p. 35)

O mesmo autor ainda faz o seguinte apontamento,

Por un lado, sustituir maquinarias sindicales que conciliaron con la dictadura y controlaban el movimiento obrero. Por outro, evitar nuevas divisiones y movilizar a los trabajadores hacia el apoyo a metas generales de la revolución, que en ciertos momentos podían chocar con intereses particulares inmediatos de determinados sectores obreros (Arboleya, 2000, p. 55).

O caso do M-30-11 é muito próximo ao do *Movimiento Revolucionario del Pueblo* (MRP), ambos grupos que surgiram da falta de expressão política dentro do processo revolucionário e cujos quadros saíram do Movimento 26 de julho.

O MRP resultou da fusão de Movimento 30 de julho, que tinha Manuel Ray e Felipe Pazos como integrantes, os quais compuseram o primeiro gabinete revolucionário, a

⁵ “O afastamento durante os dois primeiros anos de importantes personalidades do governo revolucionário está relacionado, na maioria dos casos, com o desacordo a respeito da aproximação da Revolução com o PSP e a URSS, e a constatação de que se afastava a perspectiva de uma convocação para as eleições e a consolidação institucional nos termos de uma república democrática constitucional” (Hilb, 2010, p. 40)

organização Verde Olivo, de Rufo López Fresuet e Raul Chibás, este irmão de Eduardo Chibás, e a Acción Democrática Revolucionaria.

O movimento propunha uma espécie de "Fidelismo sem Fidel". Faziam críticas ao "totalismo comunismo". O movimento tinha um programa muito próximo ao que estava sendo desenvolvido pela revolução. Seu conflito com esta era principalmente estratégico e refletia uma alternativa da burguesia liberal, que estava afastada do governo. Adotaram um discurso nacionalismo e populista, o qual passou a ser questionado no momento em que o Movimento se subordinou ao governo norteamericano.

Nota-se que Felipe Pazos teve atuação no governo revolucionário, desempenhando o papel de presidente do Banco Nacional até dezembro de 1959, quando foi substituído por Ernesto Guevara. Arboleya (2009, p. 36) descreve-o como figura importante do setor reformista. Também Manuel Reis, como representante da burguesia reformista, foi visto por Kennedy como uma alternativa a orientação da extrema direita que caracterizava os movimentos contrarrevolucionários. Raúl Chibás uniu-se ao M-26 após o golpe de Batista. Foi tesoureiro do movimento e comandante do Exército Rebelde. Exilou-se em 1960 condenando o afastamento do processo revolucionário de suas prerrogativas iniciais.

Essas divisões no interior do M-26 são resultado de sua própria formação enquanto grupo. Anteriormente a 1959, a atuação do movimento não esteve concentrada somente em Sierra Maestra, mas contou também com intensas atividades e articulações nas grandes cidades.

O movimento 26 de julho não era homogêneo, dividia-se em duas tendências: uma, relacionada à guerrilha rural, cujos membros compunham o exército rebelde, tinha como líder principal Fidel Castro e era favorável a uma revolução social e antiimperialista. A outra relacionava-se com os militantes da guerrilha urbana, que resistia ao crescente poder militar do Exército e defendia que o governo fosse conduzido por civis. (Miskulin, 2003, p. 34).

Também merece menção o caso dos intelectuais cubanos, que assim como os sindicatos e os estudantes, representaram uma pluralidade de vozes consideradas dissonantes.

Destaca-se o ocorrido com Carlos Franqui, diretor da Rádio Rebelde na época da luta contra Batista e, posteriormente, diretor do jornal *Revolución*, que escolheu o exílio em 1968, “quando se convenceu de que a balança que opunha desde 1960 os setores mais libertários e culturalmente mais diversificados da Revolução com os núcleos mais obscuros, homogêneos e pró-soviéticos tinha definitivamente se inclinado a favor dos últimos” (Hilb, 2010, p. 35).

Também o caso do envolvendo o suplemento *Lunes* do jornal *Revolución*, dirigido por Guillermo Cabrera Infante, é significativo. *Lunes* havia conseguido uma boa recepção no meio intelectual cubano com sua proposição de elaborar a identidade da cultura cubana que seria própria daquele contexto histórico. De acordo com Miskulin (2003, p. 42), *Lunes* “tornou-se um espaço para a luta ideológica e as contradições políticas presentes no período inicial do processo revolucionário”.

Porém, a pretendida universidade de *Lunes* chocou-se com alguns setores da sociedade, em especial com os intelectuais do PSP. Ao definir a política cultural do governo revolucionário, mediante uma série de debates que ocorreram no ano de 1961, *Lunes*, por não corresponder mais a perspectiva do núcleo dirigente, foi fechado por “falta de papel”.

Conclusão

Ao fim, pode-se dizer que a contrarrevolução influenciou no encaminhamento do processo político, mas também que a configuração desse aparato político-administrativo significou a marginalização de grupos que, devido a isso, passaram para o lado da contrarrevolução. Isso significa que o ter um inimigo e criar um inimigo, naquele contexto, foram processos que caminharam juntos.

Ao final de 1959, estava constituído o cenário em que a contrarrevolução iria se desenvolver. A partir da referida data, os grupos armados começaram a se organizar com o apoio dos Estados Unidos, que por sua vez também se mobilizou no desenvolvimento de estratégias para derrocar o governo de Fidel Castro.

Ao final daquele primeiro ano, Arboleya apontou de forma muito contundente:

Cuando se manifesta que la revolución marchaba en un acelerado proceso de radicalización, en franca contradicción con Estados Unidos, una parte significativa de los sectores reformistas que habían formado parte del movimiento antibatistiano, comienza a conspirar de

manera más o menos abierta y sus posiciones se entroncan progresivamente con los de la oligarquía y el gobierno estadounidense. Según el rumbo que tomaban los acontecimientos, para estas personas el dilema no era en realidad otro que unirse a la contrarrevolución o suicidarse como clase integrándose al movimiento popular. (Arboleya, 2000, p. 57).

Nota-se que o componente ideológico e o econômico foram os fatores essenciais na articulação do movimento contrarrevolucionário nos momentos iniciais, principalmente aqueles que faziam uma oposição direta ou aberta ao regime.

Nos primeiros tempos, diante ao processo de consolidação do poder e das diretrizes a serem seguidas, alguns grupos foram sendo gradativamente excluídos de uma participação política mais efetiva. Estes optaram pelo exílio, ou pelo silêncio ou pela forma de oposição fechada, que é resultado de um processo de concentração de poder que tem como consequência o inevitável afastamento de determinados atores. Como o próprio Fidel Castro afirmou: “Dentro da Revolução, tudo, fora da Revolução, nada”.

Localiza-se nos primórdios da revolução a ideia de aceitação incondicional aos preceitos lançados desde a cúpula governamental e, sem dúvida, a contrarrevolução serviu como justificativa – muito plausível – a energética empreitada dos revolucionários em construir uma sociedade baseada no controle e vigilância comunitária.

Referências

Arboleya, Jesus. La contrarrevolucion cubana. Editorial de Ciencias Sociales. La Habana, 2000.

Arboleya, Jesus. El outro terrorismo: médio siglo de política de los Estados Unidos hacia Cuba. Editorial de Ciencias Sociales. La Habana, 2009.

Castro, Fidel. Discursos. 1959 – 1962, Cuba. Disponível em: <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/index.html#f281106>. Acesso em: 24 de fevereiro de 2013.

Font, Fabián Escalante. Operación Exterminio: 50 años de agresiones contra Cuba. Editorial de Ciencias Sociales. La Habana, 2010.

Font, Fabián Escalante. La Guerra Secreta: proyecto Cuba. Editorial de Ciencias Sociales. La Habana, 2008.

Hilb, Claudia. Silência, Cuba: a esquerda democrática diante do regime da Revolução Cubana. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

Matthews, Hebert L. Fidel Castro: uma biografia política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

Miskulin, Sílvia Cezar. Cultura ilhada: imprensa e Revolução Cubana (1959-1961). São Paulo: Xamã, 2003.